



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

**AVALIAÇÃO DO USO DE PRECAUÇÕES PADRÃO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM
OBSTÉTRICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19**

Beatriz Poddis Busquim e Silva

Brasília – DF
2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Beatriz Poddis Busquim e Silva

**AVALIAÇÃO DO USO DE PRECAUÇÕES PADRÃO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM
OBSTÉTRICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para
Graduação no Curso de Enfermagem
ao Departamento de Enfermagem da
Faculdade de Ciências da Saúde da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Dr.^a Lara Mabelle Milfont
Boeckmann



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Beatriz Poddis Busquim e Silva

**AVALIAÇÃO DO USO DE PRECAUÇÕES PADRÃO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM
OBSTÉTRICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19**

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr.^a Lara Mabelle Milfont Boeckmann
Universidade de Brasília (UnB)
Orientadora

Profa. Dr.^a Rejane Antonello Griboski
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Efetivo

Profa. Dr.^a Ana Beatriz Duarte Vieira
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Efetivo

Profa. Dr.^a Mônica Chiodi Toscano de Campos
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Suplente

NOTAS

ORIGEM DO ARTIGO

Extraído do trabalho de conclusão de curso – Avaliação do uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem obstétrica frente à pandemia da COVID-19 - apresentada na Universidade de Brasília, em 2021.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos ao Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (UnB) pelo fomento de Iniciação Científica que foi concedido por meio do Edital_UnB_PROIC 2020/2021.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo: Silva, BPB, Boeckmann LMM.

Coleta de dados: Silva, BPB

Análise e interpretação dos dados: Silva, BPB, Boeckmann LMM

Discussão dos resultados: Silva, BPB, Boeckmann LMM

Redação e/ou revisão crítica do conteúdo: Silva, BPB, Boeckmann LMM

Revisão e aprovação final da versão final: Silva, BPB, Boeckmann LMM

FINANCIAMENTO

Não houve nenhum tipo de financiamento.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, parecer nº 4.326.988, e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 36052720.9.0000.0030.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AUTOR CORRESPONDENTE

Beatriz Poddis Busquim e Silva
biabusquim@gmail.com

AVALIAÇÃO DO USO DE PRECAUÇÕES PADRÃO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM OBSTÉTRICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19

RESUMO

Objetivo: avaliar o uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem obstétrica frente à pandemia da COVID-19. **Método:** estudo transversal e descritivo. Aplicou-se um instrumento adaptado e validado transculturalmente para o Brasil intitulado “Questionário para conhecimento e adesão às precauções padrão”. A coleta de dados desenvolveu-se nos meses de fevereiro a maio de 2021. Participaram da pesquisa 57 profissionais de enfermagem que atuam no centro obstétrico entre enfermeiros e técnicos. **Resultados:** Em geral, tanto os enfermeiros quanto os técnicos de enfermagem demonstraram um nível de adesão elevado aos itens da escala obtendo uma avaliação satisfatória na maioria dos itens, com escores percentuais elevados para os itens 5 e 4, muito frequentemente e frequentemente respectivamente. Em contrapartida, esperava-se uma maior adesão em virtude da pandemia. Destaca-se que a deficiência na realização de treinamentos e orientações acerca do uso de precauções padrão na pandemia possa ter influenciado nos resultados. **Conclusão:** Os achados deste estudo contribuem para compreender as práticas dos profissionais de enfermagem frente à pandemia da COVID-19 e elucidar aspectos importantes do cuidado de enfermagem na assistência obstétrica. O diagnóstico situacional poderá influenciar no raciocínio clínico e impactar na tomada de decisão no que se refere ao planejamento em saúde na gestão do serviço em questão, bem como, na prática clínica da equipe de enfermagem.

DESCRITORES: Doenças Transmissíveis. Enfermagem Obstétrica. Pandemias. COVID-19. Precaução.

Este trabalho foi formatado em conformidade com um periódico científico da área de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A humanidade vem enfrentando um desafio sem precedentes, a pandemia pela disseminação do vírus conhecido por SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome related to Coronaviruses*), do inglês, Síndrome Respiratória Grave relacionada ao Coronavírus. Apesar de medidas drásticas de contenção, a dispersão do vírus permanece em circulação mundialmente.¹

Em quase dois anos, a pandemia segue com o surgimento de novas variantes e ainda não foi descoberto um medicamento eficaz. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS)² ainda é necessário manter todas as medidas sanitárias disponíveis para a população e, sobretudo, para os profissionais de saúde que também se encontram nos grupos de riscos para contraírem a infecção.

Os trabalhadores da saúde constituem um grupo de risco para a COVID-19 por estarem expostos diretamente aos pacientes infectados, o que faz com que recebam uma alta carga viral³, especialmente a equipe de enfermagem, que representa a maior força de trabalho na linha de frente contra a pandemia pela COVID-19.

A OMS lançou diretriz voltada aos cuidados que os profissionais devem ter para prevenção e controle da pandemia em atendimento aos casos confirmados ou suspeitos. Ela orienta e alerta os profissionais de saúde sobre o uso de precauções padrão que incluem higiene respiratória e das mãos, o uso adequado de Equipamento de Proteção Individual (EPI), como máscaras, luvas, aventais entre outros, e enfatiza a importância dos administradores e gestores de proverem treinamento, fornecer EPI aos trabalhadores, materiais de higiene e condições adequadas de trabalho.⁴

No entanto, os profissionais de saúde têm enfrentado enormes desafios ao lidarem no ambiente de trabalho com a COVID-19. Há escassez de EPI para os profissionais de saúde, o que os levam à reutilização de equipamentos, à exaustão e ao adoecimento, além do risco da superlotação dos hospitais e da falta de respiradores, entre outros materiais.⁵

Concomitantemente, os profissionais que estão na linha de frente têm que lidar com o estresse dos pacientes internados com COVID 19, pois acabam tendo que ofertar apoio emocional, apoio este que também necessitam.⁶

Um estudo realizado na Coréia do Sul demonstrou que os profissionais de enfermagem foram os primeiros a tratar os pacientes e a lidar com o estresse no ambiente de trabalho em um surto de outro tipo de coronavírus. Os resultados apontaram para o estresse relacionado à disponibilidade de material de proteção para precauções padrão e a ocorrência de esgotamento (*burnout*) mais elevado dos profissionais que

lidaram com o surto epidemiológico em comparação com profissionais que tiveram *burnout* em situações habituais de trabalho.⁷

Dentro desse contexto, ressalta-se que ainda existem lacunas do conhecimento, especialmente no que se refere ao uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem obstétrica frente à pandemia da COVID-19 no Brasil, onde não foram encontrados estudos publicados. Assim, conduziu-se um estudo a partir da seguinte questão norteadora: Qual avaliação do uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem na assistência obstétrica frente à pandemia da COVID-19?

Objetivou-se com esse trabalho avaliar o uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem obstétrica frente à pandemia da COVID-19.

MÉTODOS

Tratou-se de um estudo transversal descritivo. A coleta de dados foi conduzida entre os meses de fevereiro e maio de 2021 em um Centro Obstétrico de um hospital público no Distrito Federal. Participaram 57 profissionais de enfermagem, sendo 14 enfermeiros(as) e 43 técnicos(as) de enfermagem.

Na pesquisa de abordagem quantitativa transversal e descritiva, os dados são coletados uma única vez para cada participante do estudo e os resultados que são obtidos nesse tipo de estudo correspondem ao retrato momentâneo da realidade.⁸

Foram incluídos no estudo todos os profissionais da equipe, dentre enfermeiros(as) e técnicos(as) de enfermagem, que tinham vínculo empregatício com o hospital, que atuavam em um dos três períodos de trabalho (matutino, vespertino ou noturno) e dentre todos os dias da semana. Excluíram-se enfermeiros residentes, estagiários de curso técnico de enfermagem e profissionais de licença médica, licença maternidade e/ou que estivessem gozando de outro tipo de licença que não fosse possível contatá-los na unidade durante o período de realização da pesquisa.

Empregou-se um questionário traduzido e validado transculturalmente para o Brasil por Valim e Marziale⁹ intitulado “*Questionnaires for Knowledge and Compliance with Standard Precaution*”, do inglês, “Questionário para conhecimento e adesão às precauções padrão”. O instrumento conta com 20 itens acerca da adesão ao uso das precauções padrão pelos profissionais de saúde e foi adaptado para a ferramenta do Google, *Google Forms*, para ser aplicado em período de pandemia. Para investigação da adesão aos itens do questionário, foi empregada uma escala *Likert* com as seguintes classificações: (5) Muito Frequentemente; (4) Frequentemente; (3) Ocasionalmente; (2) Raramente; e (1) Nunca. Quanto mais elevada a pontuação, maior foi a adesão ao uso de

precauções padrão pelos profissionais de enfermagem. Considerou-se como adesão satisfatória a média do somatório das classificações 4 e 5.

Utilizou-se o SPSS (*Software Package Social Science* versão 24) para análise e interpretação descritiva dos resultados e o *Microsoft Excel* 2010.

Os aspectos éticos foram respeitados com aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, conforme parecer nº 4.326.988 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 36052720.9.0000.0030.

RESULTADOS

Referente ao perfil sociodemográfico, do total de 85 profissionais de enfermagem, 67% (n=57) deles compuseram a amostra. Em torno de 33% (n=28) não participaram, sendo os motivos: recusas para não participação na pesquisa, licenças médicas e férias. Dentre os profissionais, 75,4% (n=43) eram técnicos ou auxiliares de enfermagem, enquanto 24,6% (n=14) eram enfermeiros. A média de idade foi de 40,8 anos ($\pm 9,5$). A média do tempo de atuação foi de 14,2 anos ($\pm 7,5$). Quanto ao nível de escolaridade, 42,1% (n=24) dos profissionais tinha ensino superior completo, 28,1% (n=16) tinha 2º grau completo, 24,6% (n=14) possuía alguma pós-graduação e 5,3% (n=3) possuíam mestrado. Quanto ao vínculo empregatício, 91,2% (n=52) trabalhava unicamente em hospital público e 8,8% (n=5) em hospital público e privado.

Referente ao recebimento de treinamento sobre a pandemia da COVID-19, 43,9% (n=25) afirmaram que não receberam nenhum treinamento e/ou orientação, enquanto 56,1% (n=32) afirmaram que tiveram treinamento. Desses que referiram capacitação, 62,5% (20) tiveram orientações online promovidas pelo hospital e disponibilizadas na *intranet* dos computadores do setor de trabalho. Contudo, todos relataram não terem recebido treinamento em loco e referiram dificuldades em acessar as orientações durante o trabalho, o que levou a maioria a procurar informações por conta própria. Cerca de 31,3% (10) afirmaram terem participado de curso teórico institucional presencial sobre a COVID-19 e precauções padrão para os profissionais de todas as áreas, 3,1% (1) afirmou ter curso presencial sobre a COVID-19 e precauções padrão para os profissionais que lidam com a assistência obstétrica em outro serviço e 3,1% (1) afirmou que teve um treinamento específico para atendimento de emergência para gestantes com COVID-19.

Para os resultados da aplicação da escala, segue a distribuição das repostas da equipe de enfermagem conforme tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das respostas da equipe de enfermagem aos itens da escala sobre o uso de precauções padrão durante a pandemia da COVID-19. Distrito Federal, Brasil, 2021.

Item	1- Nunca		2- Raramente		3- Ocasionalmente		4- Frequentemente		5 – Muito Frequentemente	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1.	-	-	-	-	-	-	(2)	3,6%	(55)	96,4%
2.	-	-	-	-	(3)	5,3%	(6)	10,5%	(48)	84,2%
3.	-	-	-	-	-	-	(1)	1,8%	(56)	98,2%
4.	-	-	-	-	(1)	1,8%	(4)	7,0%	(52)	91,2%
5.	-	-	-	-	-	-	-	-	(57)	100%
6.	-	-	-	-	(2)	3,6%	(6)	10,5%	(49)	85,9%
7.	-	-	-	-	-	-	(6)	10,5%	(51)	89,4%
8.	-	-	-	-	-	-	(4)	7,0%	(53)	92,9%
9.	(1)	1,8%	-	-	(9)	15,7%	(11)	19,2%	(36)	63,1%
10.	-	-	(1)	1,8%	-	-	(2)	3,6%	(54)	94,7%
11.	-	-	-	-	-	-	(3)	5,2%	(54)	94,7%
12.	-	-	(1)	1,8%	(3)	5,2%	(2)	3,6%	(51)	89,4%
13.*	-	-	-	-	(1)	1,8%	(5)	8,7%	(51)	89,4%
14.	-	-	-	-	-	-	(1)	1,8%	(56)	98,2%
15.	(2)	3,6%	(3)	5,2%	(15)	26,3%	(10)	17,5%	(27)	47,3%
16.	(4)	7,0%	(5)	8,7%	(17)	29,8%	(10)	17,5%	(21)	36,8%
17.	-	-	(1)	1,8%	(5)	8,7%	(13)	22,8%	(38)	66,6%
18.	(4)	7,0%	-	-	(2)	3,6%	(5)	8,7%	(46)	80,7%
19.	-	-	-	-	-	-	-	-	(57)	100%
20.	(20)	35,0%	(2)	3,6%	(3)	5,2%	(11)	19,2%	(21)	36,8%

Legenda: Itens 4 a 13*: frequência do uso das luvas nos procedimentos em que há possibilidade de contato com MBPC (Material Biológico Potencialmente Contaminado).

Conforme os resultados apresentados, os itens 1, 2 e 3 corresponderam à investigação se o profissional realiza a higienização das mãos no intervalo entre a prestação de cuidados a diferentes pacientes (1); realiza a higienização das mãos após retirar as luvas (2); e se realiza a lavagem das mãos imediatamente após contato com MBPC (3). Os itens 1 e 3 evidenciaram uma adesão elevada com média de adesão de 97,3% para as classificações “frequentemente” e “muito frequentemente”. Vale ressaltar, entretanto, que para o item 2, observou-se menor adesão para esta ação, pela referência de profissionais que “ocasionalmente” faziam a higienização após a retirada das luvas.

Os itens 4 ao 13 pesquisaram a frequência do uso das luvas nos procedimentos em que houve possibilidade de contato com MBPC, os quais, respectivamente, coleta de sangue (4); contato com urina ou fezes (5); contato com a pele não íntegra do paciente (6); contato com a mucosa do paciente (7); contato com secreções das vias aéreas do paciente (8); injeção intramuscular ou subcutânea (9); realização de curativos (10); limpeza para a remoção de sangue (11); punção venosa (12); e contato com amostras de sangue (13).

Os itens 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12 e 13, obtiveram taxas elevadas e aproximadas com média de adesão em torno de 91,9%. Destacou-se o item 5 com adesão de 100% para o uso de luvas no contato com urina ou fezes. Vale destacar que os itens 4, 6, 12 e 13, embora tenham apresentado adesão elevada, também apresentaram classificações apontadas pelos profissionais como “raramente” ou “ocasionalmente”. O item 9 ressaltou-se com menor adesão para as classificações “muito frequentemente” e “frequentemente”, e verificou-se que parte da equipe “ocasionalmente” ou “nunca” utilizavam luvas. Uma parcela da equipe também apontou a classificação “raramente” para o item 10.

Sobre a adesão relativa ao uso de EPIs nos itens 14, 15, 16 e 17, verificaram-se informações, respectivamente, sobre se o profissional usa máscara de proteção quando há possibilidade de contato com respingo de sangue, fluido corporal, secreção ou excreção (14); usa óculos de proteção quando há possibilidade de contato com respingo de sangue, fluido corporal, secreção ou excreção (15); usa avental de proteção quando há possibilidade de contato com respingo de sangue, fluido corporal, secreção ou excreção (16); usa gorros e propés descartáveis quando há possibilidade de contato com respingos de sangue, fluido corporal, secreção ou excreção (17). A média de adesão quanto ao cumprimento desses itens foi de 76,8%.

O item 14 obteve elevada adesão pela maioria dos profissionais, seguido do item 17. Este, por sua vez, também apresentou adesão da equipe para as classificações “raramente” e “ocasionalmente”. Os itens 15 e 16 apresentaram adesão abaixo de 50% para classificação “muito frequentemente” e as demais proporções para todas as outras classificações, as quais, “frequentemente”, “ocasionalmente”, “raramente” e “nunca”.

Quanto ao reencape de agulhas usadas (item 18), a maior parcela dos profissionais afirmou não realizar encape ativo ou reencapar apenas com uma mão, havendo pequena proporção para a classificação “nunca” para realização de tais ações. Referente ao descarte de agulhas, lâminas e outros materiais perfurocortantes em recipientes de descarte específico (item 19), todos afirmaram realizar o descarte apropriado com adesão total da equipe de enfermagem para a classificação “muito frequentemente”. Em relação ao procedimento realizado após acidentes de trabalho, embora a maioria aderiu adequadamente ao item 20, verificou-se a mais baixa adesão para as classificações “muito frequentemente” e “frequentemente” e, por conseguinte, a maior proporção para as classificações “nunca”, “raramente” e “ocasionalmente”.

DISCUSSÃO

Com relação ao perfil sociodemográfico, um estudo brasileiro realizado em um hospital de referência em assistência ao parto de risco habitual, os resultados sobre o perfil da equipe de enfermagem obstétrica possuíam média de idade e escolaridade assemelhando-se com os achados deste estudo. Diferiu-se apenas em relação ao tempo de atuação¹⁰, cujo achado desse estudo indicou mais anos de experiência da equipe de enfermagem. Acerca do vínculo empregatício, uma pesquisa em um hospital público no Brasil obteve resultados divergentes com 50% da equipe de enfermagem possuindo dois vínculos empregatícios.¹¹

Sobre os treinamentos sobre o uso de precauções padrão na pandemia da COVID-19, apesar das orientações da OMS⁴, quase metade dos profissionais não tiveram capacitação para atuar na pandemia, especialmente quanto ao uso de precauções padrão, e os que tiveram, revelaram fragilidades quanto ao acesso às orientações.

Nesse contexto, pesquisa realizada na Líbia evidenciou que a falta de treinamento da equipe obstétrica para a pandemia da COVID-19 impactou diretamente no trabalho realizado pelos profissionais, levando-os a maior exaustão física e mental, além de maior exposição e disseminação do vírus.¹²

Um estudo de revisão apontou que a proteção da saúde dos profissionais é fundamental para evitar a transmissão da COVID-19 nos estabelecimentos de saúde e nos domicílios deles, sendo necessário adotar protocolos de controle de infecções por meio do uso de precauções padrão. A maior parte do trabalho dos enfermeiros envolve contato direto com pacientes, portanto, esses profissionais têm alta vulnerabilidade à COVID-19.³ Nesse sentido, para obter segurança e adesão da equipe de enfermagem ao uso de precauções padrão, é necessário capacitar adequadamente os profissionais, sobretudo em tempos de pandemia, onde os trabalhadores da enfermagem foram os mais afetados e os que mais adoeceram no Brasil e no mundo.

Uma pesquisa evidenciou que o elevado número de óbitos pela COVID-19 entre profissionais de enfermagem no Brasil pode ter relação com a dificuldade de acesso ou uso inadequado de EPIs ou ainda a carência de treinamentos para a correta utilização desses itens.¹³

Aventa-se que com o advento da pandemia em 2020 e a mortalidade pela COVID-19 entre os profissionais da saúde, especialmente mais elevada entre os trabalhadores da enfermagem, possa ter tido um aumento espontâneo da adesão ao uso das precauções padrão na pandemia. Dados do Conselho Federal de Enfermagem¹⁴ entre março e dezembro de 2020 revelaram que dos 57.615 infectados no Brasil, 45.737 tiveram diagnóstico positivo da doença e entre janeiro e julho de 2021 foram confirmados 11.878

casos da COVID-19 entre profissionais da Enfermagem. O total de óbitos na categoria chegou a 838 no País.

No entanto, verificou-se em um estudo realizado na China em um hospital que tratou mais de 35 casos confirmados e mais de 260 casos suspeitos da COVID-19 que, mesmo com treinamento intenso, não é incomum que os enfermeiros descuidem da exposição enquanto cuidam de pacientes, principalmente quando se sentem estressados ou exaustos, situação que se verifica especialmente após longas jornadas de trabalho, o que pode aumentar o risco de contaminação.¹⁵

No Brasil, a pandemia levou a vida de muitos trabalhadores da saúde devido à falta de um protocolo rígido e claro sobre como atuar em hospitais com leitos para COVID-19. Havia muita contaminação na desparamentação dos profissionais, uma vez que não era hábito utilizar todos esses equipamentos, como gorro, *face shield*, avental e máscara N-95.¹⁶

Referente à higienização das mãos, a OMS recomendou a prática como a estratégia mais eficaz e de baixo custo para prevenir a transmissão da COVID-19.⁴ Pesquisa realizada na Nigéria com 124 profissionais da saúde durante a pandemia pelo COVID-19 revelou que em torno de 90% deles realizavam higiene das mãos e demonstraram conhecimento sobre a COVID-19, no que diz respeito a medidas de prevenção e controle, assemelhando-se aos resultados desse estudo.¹⁷

Em contrapartida, estudo realizado no Paquistão com 199 enfermeiros, dois anos antes da pandemia da COVID-19 revelou que os profissionais possuíam baixo conhecimento e adesão ao uso de precauções padrão.¹⁸

Do mesmo modo, no Brasil, nos anos anteriores à pandemia, uma pesquisa com 522 profissionais de enfermagem nos anos de 2017 e 2018 aplicou uma escala validada sobre conformidade no uso de precauções padrão e verificou-se baixa adesão para a maioria dos itens da escala. Os achados mostraram que a maioria dos profissionais de enfermagem, tanto enfermeiros quanto técnicos, não utilizaram adequadamente máscaras, luvas, aventais, capotes entre outros EPIs nas situações em que havia possibilidade de contato com sangue, fluidos corporais ou excreções dos pacientes. Também não higienizavam as mãos após retirar as luvas e nem as usavam para desinfetar superfícies, além de ações inadequadas para a manipulação de perfurocortantes.¹⁹

O uso de EPI's pelo profissional de enfermagem é extremamente necessário, uma vez que é uma medida eficaz de proteção do profissional contra doenças infectocontagiosas, especialmente durante a pandemia da COVID-19.²⁰

Em pesquisa brasileira com 1295 profissionais de enfermagem sobre as condutas em relação às práticas de medicações injetáveis, 71,3% dos profissionais não reencaparam as agulhas após realização de injetáveis, e entre 65,4% e 80,5% dos profissionais utilizaram luvas para realizar medicações injetáveis²¹, o que mostra uma concordância com os achados desse estudo.

Sobre a ação a ser tomada após acidentes com materiais perfurocortantes, de espremer imediatamente o local, depois lavar, efetuar antissepsia e colocar um curativo, verificou-se uma das mais baixas adesões à ação pela equipe. Estudo conduzido no Centro-Oeste do Brasil com 20 profissionais revelou resultados semelhantes, corroborando os achados deste estudo.²² Ressalta-se a necessidade em investigar as causas que levaram tais profissionais a não realizarem esta prática apropriada e permitir capacitações que proporcionem conhecimentos sobre o tópico, a fim de melhorar a adesão da equipe de enfermagem.

A adesão ao uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem obstétrica durante a pandemia, de uma forma geral, foi positiva, mostrada pela maioria dos resultados estando entre as respostas “muito frequentemente” e “frequentemente”, mas há um destaque maior para o uso de máscaras, higienização das mãos e uso de luvas. Segundo um estudo com enfermeiros sobre os impactos da COVID-19²³, a adoção do uso de equipamentos de proteção individual e a implementação da educação acerca do controle de infecções são medidas que auxiliam a prevenção da rápida disseminação da COVID-19 entre os profissionais das equipes.

Apesar dos resultados positivos da escala em relação ao uso de precaução padrão pelos profissionais de enfermagem na maioria dos itens, esperava-se que esses resultados demonstrassem uma adesão maior e mais homogênea devido ao contexto da pandemia. Destaca-se que apenas dois dos itens da escala possuíram adesão total, enquanto os demais itens obtiveram adesão parcial.

Destaca-se que um dos fatores possa estar associado aos relatos dos profissionais sobre a ausência de treinamento em loco e de alguns que tiveram somente capacitação online, ainda que de modo precário acerca do uso de precauções padrão no contexto da pandemia da COVID-19. Contudo é necessário que futuros estudos sejam realizados que comprovem tais associações entre a incipiente ação do serviço de saúde e seu impacto à adesão dos profissionais ao uso de precauções padrão.

CONCLUSÃO

Os objetivos deste estudo foram alcançados e os achados tornaram-se relevantes por elucidar aspectos do cuidado no uso de precauções padrão e compreender a prática dos profissionais de enfermagem frente à pandemia da COVID-19, ainda pouco discutida e conhecida.

No geral, os resultados evidenciaram adesão elevada ao uso de precauções padrão pela equipe de enfermagem. Espera-se que contribuam para promoção da melhoria da assistência obstétrica no contexto pandêmico a partir do conhecimento adquirido e divulgado para a equipe da unidade pesquisada, estendendo-se a serviços de saúde com características semelhantes.

O diagnóstico situacional poderá influenciar no raciocínio clínico e impactar na tomada de decisão no que se refere ao planejamento em saúde na gestão do serviço em questão, bem como na prática clínica da equipe de enfermagem. Outros impactos esperados serão os investimentos que poderão ocorrer com relação à formação e à capacitação dos profissionais da saúde, especialmente da equipe de enfermagem diante de uma situação de pandemia.

A limitação deste estudo pauta-se em questões próprias do método escolhido que não permitiu a profundidade na análise investigativa, especialmente pela natureza da pesquisa que exibiu um corte momentâneo da realidade, sem possibilidade de análises comparativas e inferências. Ademais, a escassez de estudos com escalas validadas sobre a adesão às precauções padrão na pandemia limitou a discussão dos achados e a elevada taxa de absenteísmo que culminou com a redução da amostra.

REFERÊNCIAS:

1. Zhou P, Yang XL, Wang XG, Hu B, Zhang L, Zhang W, et al. Discovery of a novel coronavirus associated with the recent pneumonia outbreak in humans and its potential bat origin. *Nature* 2020 Fev [acesso 2021 Mai 20]; 579: 270-73. <https://doi.org/10.1101/2020.01.22.914952>
2. Organização Mundial de Saúde. Infection prevention and control during health care when COVID-19 is suspected. Interim guidance. Genebra: WHO; 19 Mar 2020 [acesso 2021 Set 06]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/10665-331495>
3. Teixeira CFS, Soares CM, Souza EA, Lisboa ES, Pinto ICM, Andrade LR, et al. Health of healthcare professionals coping with the Covid-19 Pandemic. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9):3465-3474, 2020 [acesso 2021 Set 06]. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020The>
4. Organização Mundial da Saúde. Water, Sanitation, Hygiene and Waste Management for the COVID-19 Virus: Interim Guidance. Geneva: WHO; 2020; 19 Mar 2020 [acesso 2021 Set 06]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331499>
5. Ranney ML, Griffeth V, Jha AK. Critical Supply Shortages - The Need for Ventilators and Personal Protective Equipment during the Covid-19 Pandemic. *New England Journal of Medicine*. 2020 Abr [acesso 2021 Mai 20]; 382(18): 41. doi:10.1056/nejmp2006141 Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMp2006141?articleTools=true>
6. Counts NZ, Staglin B, Rosenberg L. Mental Health for US. *Lancet Psychiatry Online* 2019 Out [acesso 2021 Jul 12]. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(19\)30377-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30377-3)
7. Kim JS, Choi JS. Factors Influencing Emergency Nurses' Burnout During an Outbreak of Middle East Respiratory Syndrome Coronavirus in Korea. *Asian Nursing Research*. 2016 [acesso 2021 Set 06]; 10(4), 295–299. DOI: 10.1016/j.anr.2016.10.002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7104920/pdf/main.pdf>
8. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. Avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
9. Valim MD, Marziale MHP. Adaptação cultural do “Questionnaires for Knowledge and Compliance with Standard Precaution” para o português brasileiro. *Rev Gaúcha Enferm*. 2013 [acesso 2021 Jan 21]; 34(4): 28-36. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000400004>
10. Dantas MPSL, Silva JV, Silva JB, Mendes LMC. Perfil sociodemográfico e qualificação dos enfermeiros que atuam na assistência ao parto de risco habitual. *Saúde Coletiva (Barueri)* 2021 Jan [acesso 2021 Set 25]; 11(66): 6493-6502. <http://dx.doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i66p6493-6502>
11. Dias ICCM, Torres RS, Gordon ASA, Santana EAS, Serra MAAO. Factors associated with work accidents in the nursing team. *Rev enferm UFPE online.*, Recife, 11(Supl. 7):2850-5, jul., 2017 [acesso 2021 Set 25]. <https://doi.org/10.5205/reuol.11007-98133-3-SM.1107sup201705>
12. Elhadi M, Msherghi A, Elgzairi M, Alsuyhili A, Elkhafeefi F, Bouhuwaish A, et al. Assessment of the preparedness of obstetrics and gynecology healthcare systems during the COVID-19 pandemic in Libya. *Int J Gynecol Obstet* 2020 [acesso 2021 Set 25]; 150: 406-08. DOI: <https://doi.org/10.1002/ijgo.13273>
13. Melo AS, Moura JCF, Rodrigues MTP, Mascarenhas MDM. Covid-19 mortality among nursing professionals in Brazil. *Rev Enferm UFPI*. 2020 [acesso 2021 Out 05];9:e10606 Doi: 10.26694/2238-7234.91111-113 <file:///C:/Users/Lara/Downloads/10606-44143-1-PB.pdf>

14. Conselho Federal de Enfermagem. Vacinação reduz mortes em profissionais da saúde pela COVID-19. COFEN; Jul 2021 [acesso 2021 Out 08]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/vacinacao-reduz-mortes-em-profissionais-da-saude-pela-covid-19_88839.html
15. Huang L, Lin G, Tang L, Yu L, Zhou Z. Special attention to nurses' protection during the COVID-19 epidemic. *Crit Care*. 2020 Mar 27 [acesso 2021 Out 08];24(1):120. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13054-020-2841-7>. PMID: 32220243; PMCID: PMC7101882.
16. Conselho Federal de Enfermagem. Brasil representa um terço das mortes de profissionais de Enfermagem por COVID-19. COFEN; Jan 2021 [acesso 2021 Out 08]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_84357.html
17. Egbi OG, Duru C, Kasia B. Knowledge, attitude and practice towards COVID-19 among workers of a tertiary hospital in Bayelsa State, Nigeria. *Pan Afr Med J*. 2020 Oct 14 [acesso 2021 Out 08];37(Suppl 1):24. doi: <https://doi.org/10.11604/pamj.suppl.2020.37.24.26259>.
18. Aurang Z. Factors Affecting Nurses' Compliance to Standard Precautions in Resource Scarce Settings. *Am J Biomed Sci & Res*: 2018 [acesso 2021 Out 08]; 4(5). AJBSR.MS.ID.000840. DOI: <https://doi.org/10.34297/AJBSR.2019.04.000840>
19. Pereira VH, Torres LN, Rodrigues MN, Monteiro DAT, Moraes JT, Pereira-Ávila FMV, et al. Cumprimento às precauções-padrão por profissionais de enfermagem e fatores associados. *Escola Anna Nery* 2021 [acesso 2021 Out 05]; 25(3): 1-7. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0193>
20. Parente JS, Fonseca ASC, Pinheiro ACM, Caldas EM, Neves JL, Costa MPSSB, et al. Atuação do enfermeiro para prevenção de infecções pela SARS- CoV2 no centro cirúrgico durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society And Development* 2021 Jul [acesso 2021 Out 05]; 10(8): 1-16. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17065>
21. Roseira CE, Fittipaldi TRM, Figueiredo RM. Injectable medications: self-reported practices of nursing professionals. *Rev Esc Enferm*. 2020 [acesso 2021 Out 05]; 54: e03653. doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019028003653>
22. Rodrigues PS, Sousa AFL, Magro MCS, Andrade D, Hermann PRS. Acidente ocupacional entre profissionais de enfermagem atuantes em setores críticos de um pronto-socorro. *Esc Anna Nery* 2017 [acesso 2021 Out 05]; 21(2): e20170040. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170040>
23. Chen SC, Lai YH, Tsay SL. Nursing perspectives on the impacts of COVID-19. *The Journal of Nursing Research* 2020 Jun [acesso 2021 Out 05]; 28(3): e85. <https://doi.org/10.1097/jnr.0000000000000389>